

**A PSICANÁLISE DE UM CONTO: FREUD E BLOCH À LUZ DA TEORIA
MARXISTA****THE PSYCHOANALYSIS OF A SHORT STORY: FREUD AND BLOCH IN
THE LIGHT OF MARXIST THEORY****EL PSICOANÁLISIS DE UN CUENTO: FREUD Y BLOCH A LA LUZ DE LA
TEORÍA MARXISTA***Lucas Maia*¹

Instituto Federal de Goiás (IFG), Aparecida de Goiânia (GO), Brasil

Resumo: Faz-se neste texto a análise do conto *O toque do capital em Midas* (um texto que revive a tradição de produções artísticas de caráter utópico). Utiliza-se alguns conceitos da psicanálise (pulsão, inconsciente, desejo, processos oníricos etc.) e da obra de Bloch (ainda-não-consciente, sonhos diurno e noturno etc.) a fim de levar a cabo o trabalho. Assim, inicia-se com uma apresentação do trecho do conto. Depois, demonstra-se como a obra de Freud ajuda a analisar a produção artística. Em seguida, recorrendo a Bloch, demonstra-se suas críticas a Freud. Por fim, faz-se apontamentos críticos a Bloch e Freud, demonstrando onde as duas abordagens malogram na interpretação de uma obra utópica.

Palavras-chave: conto; Freud; Bloch; utopia e obra artística.

Abstract: This paper analyzes the tale of “Capital’s Touch on Midas” (a story that revives the tradition of utopian artistic productions). Some concepts from psychoanalysis (drive, unconscious, desire, oneiric processes etc.) and from Bloch’s work (Not-Yet-Conscious, day and night dreams etc.) are employed to accomplish this goal. Thus, our paper begins with an introduction to the story’s plot. Then, it is shown how Freud’s writings are helpful in analyzing this artistic production. Subsequently, Bloch’s criticism of Freud is highlighted. Finally, critical remarks are made to both Bloch and Freud, demonstrating how these two approaches fail in interpreting utopian work.

Keywords: tale; Freud; Bloch; utopia and artistic production.

Resumen: Este texto analiza el cuento *O toque do capital em Midas* (un texto que revive la tradición de producciones artísticas de carácter utópico). Para la realización del trabajo se utilizan algunos conceptos del psicoanálisis (pulsión, inconsciente, deseo, procesos oníricos, etc.) y de la obra de Bloch (inconsciente, aún-no-consciente, sueños diurnos y nocturnos, etc.). Por lo tanto, comienza con una presentación de la trama de la historia. Posteriormente, se muestra cómo la obra de Freud ayuda a analizar la producción artística. Luego, recurriendo a Bloch, se demuestran sus críticas a Freud. Finalmente, se hacen comentarios críticos a Bloch y Freud, demostrando dónde fallan los dos enfoques en la interpretación de una obra utópica.

Palabras clave: cuento; Freud; Bloch; utopía y obra artística.

¹ Doutor em Geografia. Professor do Instituto Federal de Goiás (IFG). E-mail: maiaslucas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Objetivo com este texto discutir o processo de produção do conto *O toque do capital em Midas* (MAIA, 2022), identificando algumas contribuições da psicanálise neste processo. Para tanto, lançarei mão de alguns conceitos psicanalíticos, tal como Freud os desenvolveu. Os conceitos de pulsão, inconsciente, pré-consciente, consciente, id, ego, superego, recalçamento, sublimação entre outros serão aqui, não discutidos em si, mas utilizados na dinâmica da explicação da produção do conto.

A discussão será complementada com as contribuições de Ernst Bloch, considerando as análises que ele realiza de alguns termos psicanalíticos. Seus conceitos de utopia abstrata e utopia concreta, sonhos diurno e noturno, consciente, inconsciente e ainda-não-consciente serão também operados de modo a explicar a constituição, elaboração e conclusão do referido conto, bem como desenvolvimentos posteriores que serão abordados mais à frente.

Como se observará, utilizarei a primeira pessoa do singular para realizar a maioria das reflexões, tendo em vista que o conto foi, em primeiro lugar, uma experiência particular, sendo assim não só necessário, como lógico, utilizar a primeira pessoa. É justamente a partir de tal experiência que o conto surgiu. Somente a posteriori é que a reflexão à luz da psicanálise e da obra de Bloch foi possível de ser realizada.

Para não alongar em demasia o texto, a maioria dos conceitos utilizados não serão definidos, mas pressupostos. Uma ou outra definição, contudo, será necessária.

2. O APARECIMENTO DO CONTO

O enredo do conto é simples e a problemática que o envolve é característica da época moderna. É uma metáfora do abuso do imperialismo dos países de capitalismo central sobre povos submetidos. Inicia-se com uma reunião entre Lacaio e Mr. Dólar. Lacaio é o economista que pensa, organiza e planeja o desenvolvimento capitalista e Mr. Dólar é o símbolo do capitalista que visa expandir seus negócios.

Lacaio descobre uma terra que ainda não foi submetida aos interesses de Mr. Dólar, ou seja, do capital, sendo organizada de uma outra maneira. Trata-se de Midas,

uma ilha próspera, afluyente e suficientemente grande para sobreviver sem depender ou estar submetida ao capital.

Devido a características naturais, geográficas e históricas específicas, Midas não foi contaminada pelas relações capitalistas. Por isto, desenvolveu-se de modo peculiar. Nela, não existem classes sociais, exploração, desigualdade etc. Trata-se de uma sociedade igualitária, onde o estado, o dinheiro, a ambição, o lucro e outras relações típicas do capitalismo não existem.

É, contudo, ilha bastante próspera e preta de capacidades para serem exploradas por Mr. Dólar. É isto que Lacaio descobre em suas pesquisas enquanto economista. Como está claro, Lacaio é uma metáfora da classe intelectual, uma classe auxiliar da burguesia².

Em razão do desenvolvimento peculiar de Midas, nela, ao invés de ter-se desenvolvido o capital, a ambição, a competição, o lucro etc., prosperou, pelo contrário, outros valores e relações. Estas são personificadas em Natureza, Solidariedade, Amor, Paz e Luta. Estas são as cinco lideranças de Midas. Lideranças não no sentido de um poder sobre o povo midanês, mas sim como princípios que norteiam a vida desta comunidade.

Mr. Dólar, por meio de Lacaio, consegue uma reunião com estas lideranças, para apresentar a elas as “maravilhas” que o modo de vida burguês pode oferecer a Midas. Como é de se esperar, Mr. Dólar é achincalhado e escoraçado, não tendo o capitalismo nada a oferecer a esta tão afluyente sociedade.

Resta a Mr. Dólar somente a força. É exatamente a esta que ele recorre para impor seu reino de produção, exploração, concorrência, destruição da natureza, lucro, ambição etc. Trata-se, pois, de uma clara referência à dominação imperialista, bem como aos valores burgueses. E aqui se explica o título do conto: *O toque do capital em Midas*. A referência é obviamente ao famoso Rei Midas, que transformava tudo em ouro com o toque de suas mãos. Pelo contrário, o toque do capital não transforma nada em ouro, mas a busca incessante por lucros, pela acumulação... transforma tudo em merda, esterco, estrume. Trata-se de uma intertextualidade onde os sentidos são invertidos. O Rei Midas

² Para uma discussão mais detalhada sobre classes sociais, em nossa perspectiva, cf. Marx e Engels (1976), Marx (s/d), Marques e Braga (2013), Braga (2013), Maia (2020), Viana (2012) etc.

transforma tudo em ouro com seu toque. Já o toque do capital, diversamente, transforma a Ilha de Midas em fezes.

Contudo, onde se estabelece a dominação de classe burguesa, finca-se também a resistência, a pertinácia, a insubordinação de Luta. Diferentemente das outras lideranças midanesas que foram quase completamente destruídas, Luta reúne as sobras de cada uma delas e fortalece-se como contraponto. Onde o capital se instala, automaticamente Luta também se rebela. Trata-se de um algo que Mr. Dólar, ou seja, o capital, não consegue extirpar. O capital não pode extinguir Luta, mas Luta pode eliminar o capital. Esta é a conclusão geral do conto.

De qualquer forma, o que me interessa aqui não é propriamente a descrição do trecho, mas sim demonstrar como isto se desenvolveu em minha mente. Por isto a justificativa do uso da primeira pessoa do singular. Foi num final de tarde, quando após um dia de trabalho, estava bastante cansado. Deitei-me para descansar. Dormi por volta de uma hora e meia. Não foi um sono reconfortante, mas intranquilo. Uma infinidade de sonhos pareceu encher este intervalo de tempo.

Nas proximidades do momento em que acordei, desenvolveu-se toda uma história, esta que descrevi linhas atrás. Este enredo não foi produzido no estado de vigília. Foi o resultado de um trabalho onírico. Quando despertei, esta história estava pulando em minha mente. Era pungente ter que colocar aquilo em forma de texto escrito. Foi o que fiz. Em menos de uma hora, o texto de umas dez páginas mais ou menos estava concluído. Não finalizado, pois o fiquei lapidando por semanas até publicá-lo pela primeira vez. Anos depois, o retomei para publicar em forma de livro em conjunto com outros contos, momento no qual lapidei o texto inúmeras vezes, reescrevendo trechos, retirando palavras excessivas, melhorando o estilo etc.

Como sempre ocorre, as ideias nos sonhos noturnos não são organizadas, claras. Não obedecem a um ordenamento lógico. A articulação lógica de todo o trabalho é produto da parte consciente do ego. É uma elaboração, um labor com a lógica, com a escrita, com a realidade. Como disse Freud (1974a), no inconsciente não há lógica, cronologia, razão etc. Ali borbulha toda a existência do indivíduo. E do conteúdo deste caldeirão ele tem pouquíssima consciência, apesar da força destes conteúdos em determinar sua existência.

Dito isto, quero ressaltar os seguintes aspectos: a) o conto é uma crítica à sociedade capitalista; b) é uma descrição de uma sociedade afluyente, antagônica à burguesa, ou seja, aquilo que ficou conhecido como utopia após a publicação do famoso livro homônimo de Thomas Morus (Morus, s/d); c) a elaboração do trecho foi produto do trabalho onírico, ou seja, do inconsciente, não sendo pois, resultado das atividades conscientes do ego; d) a parte consciente do ego teve papel fundamental em sistematizar, organizar, escrever, publicar, divulgar todo o material.

3. O INCONSCIENTE É UM AUTOR

Freud (1987a; 1987b), em *A Interpretação dos Sonhos*, distingue o pensamento latente e o conteúdo manifesto do sonho. O que interessa é a discussão que ele apresenta de que o pensamento latente do sonho tem uma sintaxe e regras próprias, ao passo que o conteúdo manifesto é uma expressão pictórica do primeiro. Estas duas instâncias do psiquismo são distintas, mas se relacionam. O pensamento latente do sonho, ao ser deslocado, condensado, criar dissimulações (distorções) para romper a barreira da censura, tem que se manifestar de forma simbólica, pictórica, única maneira de encontrar alguma satisfação. A análise correta do fenômeno onírico não pode se restringir ao seu conteúdo manifesto, deve, pois, compreender este como expressão distorcida, transformada daquele. É bem este o sentido de sua famosa frase: “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado)” (Freud, 1987a, p. 172).

Segundo linguagem freudiana, o conto que descrevemos antes nada mais é que uma típica sublimação, ou seja, pulsões hostis, sexuais, agressivas, violentas, conteúdos de experiências infantis que foram condensados e deslocados assumindo a forma de uma produção artística que gera satisfação a quem a produziu. Pulsões que eram socialmente inaceitáveis, ao serem sublimadas, convertem-se num produto que, além de gerar satisfação a quem o produz e o consome, também torna aquilo que é condenado, não só aceito, mas até valorizado socialmente.

Esta concepção, apesar de sua significação clínica para o trabalho dos analistas, parece-me não totalmente completa. Ao discutir os sonhos típicos (como voar, por exemplo), afirma que tais sonhos são manifestações de conteúdos de experiências infantis, sua fonte. Em que pese a validade de uma tal leitura, creio não abarcar outros processos, que, até onde percebi, estão fora do campo perceptivo de Freud.

Assim, tenho bons motivos para rejeitar a teoria de que o que provoca os sonhos de voar, cair é o estado de nossas sensações tácteis durante o sono, ou as sensações de movimento de nossos pulmões etc. A meu ver, essas sensações são produzidas, elas próprias, como parte da lembrança a que remonta o sonho, isto é, são parte do conteúdo do sonho, e não sua fonte (Freud, 1987a, p. 266/267)

Sua crítica às teses das fontes somáticas deste tipo de sonho, presentes na citação, podem estar corretas. Contudo, ao não abrir o horizonte de interpretação, ficando suas conclusões no conteúdo infantil dos pensamentos latentes dos sonhos, estreita a percepção do fenômeno. Um sonho de estar voando, por exemplo, pode ser o conteúdo manifesto de um desejo recalcado de liberdade, de estar livre, sem amarras (inclusive as amarras da gravidade). Uma sociedade marcada pelo controle, repressão, escassez (para as classes inferiores) gera nos indivíduos uma massa de conteúdos recalcados, ou seja, de necessidades e potencialidades (para empregar linguagem de Erich Fromm) que não são satisfeitas.

Esta massa de conteúdos recalcados socialmente conformam um dado no inconsciente do indivíduo que demanda realização. Esta realização não ocorre, contudo, de maneira concreta, real, pois a sociedade continua repressiva, desigual, mercantil, burocrática... Assim, o desejo por estar realizado, plenificado em suas necessidades e potencialidades é satisfeito em forma de sonho (voar, correr livremente etc.). Creio ser esta uma outra via de interpretação que pode lançar luzes a alguns fenômenos oníricos, tal como o descrito em nosso conto.

Apresentei antes o conteúdo manifesto de meu sonho que culminou na escrita do referido conto. Como disse, ele já estava pronto quando acordei. Meu trabalho consciente foi sistematizar, organizar, escrever, apresentar o conteúdo dentro de uma sequência lógica, procurar as melhores palavras, esmerar o estilo etc. A pergunta que se tem que fazer é: qual o pensamento latente, o desejo que gerou este sonho?

Midas é uma terra utópica (sem classes, dinheiro, exploração, mercado etc.). As personagens são exemplos típicos. Mr. Dólar, Lacaio e Cifrão são caricaturados a tal ponto que beiram ao ridículo. Diferentemente, Natureza, Amor, Solidariedade, Paz e Luta são também personagens típicas, contudo, ao contrário, cada uma sintetizando alguma virtude. Fica claro como meu inconsciente elaborou a coisa toda, ridicularizando a

sociedade burguesa e enaltecendo uma futura sociedade, melhor organizada, uma sociedade autoquerida³ (comunista, para utilizar uma expressão mais conhecida).

Existe em mim, como existe em todo ser humano, uma massa de desejos não realizados. Os desejos de liberdade, de igualdade, de uma sociedade fraterna, de relações sociais que tornem o ser humano mais desenvolvido em suas potencialidades, de uma sociedade que crie condições para que as necessidades humanas sejam satisfeitas etc. não são concretizados. Tais desejos estão sempre barrados em sua satisfação efetiva, real, concreta. A busca, a luta que realizo para que isto deixe de ser assim é intensa em mim. É algo que me impulsiona. Se as pulsões são formadas no indivíduo conforme ele se desenvolve, creio que esta luta é em mim uma pulsão⁴. Uma falta, uma pulsão que tem alvo e que visa realização. Luto por isto. Como se depreende de meu conto, dormindo, esta pulsão encontrou um caminho e uma forma de se expressar.

Todos aqueles desejos não satisfeitos, ou seja, recalçados, vieram a lume numa fabulosa construção onírica, onde a sociedade desejada já existe (mesmo que só oniricamente). Deixou, assim, de ser um algo a ser alcançado, pois já realizado. Meus desejos se materializaram numa forma de sociedade onde tudo que almejo já existe. Não tenho mais que lutar por sua constituição. Ela já é algo real. Existe como uma construção onírica. E após a escrita do conto, existe também como uma criação artística, literária.

Viana (2002) tem uma interessante discussão a respeito, que lança alguma luz no entendimento desta problemática. Ao discutir o conceito de inconsciente coletivo (que

³ Há uma ampla bibliografia sobre autogestão. De nossa parte, tal como empregamos o termo, entendemos por autogestão social a sociedade que sucede o capitalismo como produto de uma ampla, extensa e radical revolução social. O que se chamava antes de socialismo, comunismo etc., hoje, dado o nível de deformação destas palavras, dada sua relação histórica com as sociedades totalitárias conhecidas como socialismo real, decidimos por abandonar de vez seu uso, assumindo a expressão autogestão social como mais adequada. Para uma discussão mais detalhada, cf. Maia (2018; 2020a), Viana (2020), Guillerm e Bourdet (1975) etc.

⁴ Bloch fornece uma base pulsional para a tendência à revolução. Não tenho condições de desenvolver isto aqui. Deixo somente este indicativo de sua concepção: “A fome não tem como não se renovar constantemente. Porém, se cresce ininterruptamente, não sendo satisfeita pelo pão assegurado, ela revoluciona. O corpo-eu torna-se rebelde, não vai mais em busca de alimento apenas nos moldes antigos: ele procura modificar a situação que ocasionou o estômago vazio, a cabeça baixa. *O não ao ruim existente e o sim ao melhor em suspensão são acolhidos pelos carentes no interesse revolucionário*. Em todo caso, é com a fome que esse interesse tem início, a fome se transforma, como fome instruída, numa força explosiva contra o cárcere da privação. *Portanto, o si-mesmo não só procura se preservar: ele se torna explosivo, autopreservação se torna auto-expansão*” (Bloch, 2005, p. 78) (grifos meus). Considerando o que se chama hoje de primeira tópica freudiana, as pulsões do ego (de autopreservação) ou na segunda tópica, as pulsões de vida, convertem-se em outro algo, mais amplo e explosivo, as pulsões de auto-expansão, ou seja, a propensão, a tendência para a mudança, para a transformação, enfim, para o novo, para a revolução, para a utopia.

se diferencia do inconsciente coletivo de Jung e do inconsciente social de Fromm), afirma:

O inconsciente coletivo, neste caso, só pode ser compreendido como elementos inconscientes presentes numa determinada coletividade, num determinado grupo social (classe social, grupos raciais, étnicos, etários, sexuais etc. ou mesmo o conjunto da sociedade). O inconsciente individual não coincide, em sua totalidade, com o inconsciente coletivo, pois as necessidades-potencialidades reprimidas em um indivíduo não coincidem com a do grupo, mas tão-somente com alguns de seus elementos. Desta forma, se as mulheres, em uma determinada sociedade, possuem, em seu conjunto, determinadas necessidades-potencialidades recalcadas, então podemos falar de um inconsciente coletivo feminino e se o mesmo ocorre com os homens, obviamente atingindo a necessidades-potencialidades diferentes, então podemos falar em inconsciente coletivo masculino. Da mesma forma podemos falar em inconsciente coletivo proletário, burguês, burocrático, camponês, feudal, servil, infantil, juvenil, negro etc. Assim, o conjunto de indivíduos que compõem um grupo social tem recalcadas as mesmas necessidades-potencialidades, mas o indivíduo concreto possui outras necessidades-potencialidades derivadas de outras relações específicas nas quais ele está inserido (Viana, 2002, p. 64/65).

Existe, pois, em alguns indivíduos da sociedade capitalista um conjunto de necessidades-potencialidades recalcadas. Estas ficam represadas no inconsciente, que, considerado energeticamente, demanda certa satisfação ou realização. Estes desejos recalcados têm que voltar. E voltam. Eles retornam em manifestações neuróticas, psicóticas, fobias, manias etc. Voltam também em forma de realização, aquilo que Freud chamou de sublimação. O desejo recalcado de uma nova sociedade radicalmente diferente da existente retornou, no caso que agora discutimos, na forma pictórica de uma sociedade (Midas), na qual tais desejos (coletivos, ou seja, são demandados por amplos setores da sociedade capitalista) se apresentaram já como realizados.

A parte consciente de meu ego ganhou os louros pela publicação do texto. Contudo, o labor de elaboração, como demonstrado, foi, antes de mais nada, um trabalho do inconsciente. É ele o verdadeiro autor de *O toque do capital em Midas*.

Mas a história não termina aí. Há mais elementos a serem acrescentados.

4. BLOCH E O AINDA-NÃO-CONSCIENTE: SONHO DIURNO X SONHO NOTURNO

Ernst Bloch é um pensador do século XX que trouxe várias contribuições ao marxismo. Sua teoria da utopia é sem dúvida um de seus grandes méritos. Toda a discussão, elaboração e desenvolvimentos que ele realiza com base nisto o elevaram ao

rol de grandes pensadores do século passado. A resignificação que ele realiza do termo utopia, retirando dele a pecha de sonho irrealizável, pensamentos ingênuos e quixotescos é algo a ser sempre reiterado.

Utilizarei aqui alguns elementos de sua discussão a este respeito, pois suas conclusões complementam o debate que apresentei mais atrás. Vou focar somente o diálogo que ele realiza com a psicanálise, sobretudo seu escrutínio de algumas concepções freudianas. Suas pesquisas vão muito além do escopo psicanalítico, mas ele faz um uso bem criativo das descobertas desta ciência.

É-nos impossível resumir aqui seu pensamento⁵. Toda a *Parte II (fundamentação)*, de seu *Princípio Esperança* (Bloch, 2005; 2006a; 2006b) é destinada a um diálogo com a Psicanálise (embora isto seja realizado em outras partes do livro também), visando assimilar desta ciência elementos que ajudem a elaborar sua teoria da utopia, fundamentando sua tese de uma “consciência antecipadora”.

Bloch (2005) entende o ser humano como um ser pulsional. A pulsão não existe sem um corpo, mas é algo além dele. Pulsão é uma falta que impulsiona. É aquilo que leva o ser humano a se mover. Esta falta, esta pulsão, quando sentida, quando percebida, apresenta-se como emoções/afetos. Os afetos são, segundo Bloch, pulsões com alvo. Na base estão as pulsões. Estas se expressam em afetos. Estes se desdobram em atos (imaginar, pensar, cognição, sonhos, ação concreta como locomoção, trabalho, luta política etc.)

Bloch, concordando com as conclusões freudianas (somente neste particular), afirma: “(...) desde Freud, estabeleceu-se (e isso permanecerá como seu patrimônio), que o sonho não é mera proteção do sono ou um mundo de alucinação, mas vai além – tanto de acordo com o seu motor quanto com o seu conteúdo -, também é realização de desejos” (Bloch, 2005, p. 80). O sonho como realização (disfarçada) de desejos é uma descoberta de Freud fundamental e que levou a compreensão do psiquismo a patamares bem superiores ao anterior à suas publicações. Bloch o reconhece.

Contudo, para Bloch, o modo como Freud apreende a questão é limitado em vários aspectos. Vou somente apresentar um ponto, que é o que nos interessa na discussão aqui entabulada. Bloch (2005) realiza uma radical distinção entre “sonhos noturnos” e

⁵ Cf. Furter (1974), Bicca (1987; 1997), Albornoz (2006), Münster (1993) entre outros.

“sonhos diurnos”. Segundo ele, a psicanálise não levou tal distinção a sério, passando de modo displicente por ela. Bloch, pelo contrário, dá especial atenção a este aspecto.

Ele não trabalha com o conjunto de conceitos de Freud (id, ego, superego, processo primário e secundário, princípio de prazer e de realidade etc.). Utiliza somente alguns conceitos e mesmo assim ressignificando vários (não temos condições de estabelecer os paralelos entre ambos aqui). Apresenta a seguinte tese: no limiar da consciência estabelecem fronteira com ela duas outras instâncias. O inconsciente, tal como Freud o definiu e o ainda-não-consciente, uma elaboração própria de Bloch.

Da consciência para baixo, existe algo não-mais-consciente, ou seja, que foi recalçado ou que está perdido para sempre nas profundezas do psiquismo. Para cima, existe uma outra qualidade de processos psíquicos que ele denomina de o ainda-não-consciente. Esta qualidade de fenômenos mentais é que coloca o ser humano na fronteira com o novo, com o que ainda-não veio a ser no mundo. O não-mais-consciente (inconsciente freudiano) é constituído de passado. Nada de novo pode vir dele. O ainda-não-consciente respira ares novos, está nas bordas do horizonte e pode, por isto, postular, mesmo que só idealmente, algo novo que ainda-não veio a ser.

Os desejos constituintes do inconsciente, como muito bem demonstrou Freud, demandam satisfação. Os desejos ali reprimidos clamam e se movimentam para ganhar algum tipo de realização. Voltam nos sintomas, nos atos falhos, nos chistes, nos sonhos, na sublimação etc. (a obra de Freud e da psicanálise em geral é rica em discutir este material). Bloch não apresenta discordâncias de fundo com esta conclusão, apesar de suas observações ao modo estreito como Freud concebe o conceito de sublimação⁶. Este inconsciente, quando reaparece na consciência, tem que assumir formas deslocadas, condensadas, simbólicas, ou seja, distorcidas. Somente enganando a censura do ego é que ele encontra alguma satisfação. No caso dos sonhos, o inconsciente vem em forma de “sonhos noturnos”. Estes não trazem nada de novo, somente remontam ao passado do indivíduo. Por serem desejos deslocados e condensados, por aparecerem em forma simbólica, demandam interpretação. E esta é uma das funções da psicanálise: escavar as

⁶ Após apresentar algumas breves considerações de Freud sobre os sonhos diurnos e o significado deles para a arte, Bloch afirma: “Aqui, Freud tangenciou a verdade do utópico-criativo, da consciência direcionada para a novidade boa. Porém, o mero conceito diluidor sublimação, que ocorre logo em seguida, mais uma vez desfigurou a psicologia do novo” (Bloch, 2005, p. 95).

profundezas do inconsciente, revirar os entulhos, interpretar as manifestações deste na vida corrente (sonhos, sintomas, chistes etc.).

Os sonhos diurnos mantêm diferenças radicais em relação aos sonhos noturnos. Bloch (2005) aponta, entre outros, os seguintes elementos: 1) *livre curso*. Nos sonhos diurnos, há livre curso dos pensamentos, ideias, emoções etc., ou seja, a censura (como mecanismo de defesa) não atua para impedir o livre fluxo dos pensamentos; 2) *Ego preservado*. Diferentemente do sonho noturno, que só consegue acessar a consciência, atravessando a duras penas a barreira repressora do ego, exatamente porque este fica fragilizado no sono, no sonho diurno, o ego está totalmente preservado, consciente e ciente de seus pensamentos. Assim, pode deixar os pensamentos fluírem livremente, parar quando quiser, mudar a direção etc., ou seja, devanear aqui não tem um sentido pejorativo; 3) *melhora do mundo*. Uma das características dos sonhos diurnos é o fato de apontarem para a melhora do mundo⁷. Os devaneios, fantasias no estado de vigília tendem a realizar no pensamento aquilo que a realidade revoga ao indivíduo; 4) *ir até o fim*. Esta é uma característica do sonho diurno, que devido ao fato do ego manter-se preservado, há a possibilidade de se deixar os pensamentos oníricos fluírem, direcioná-los para determinados alvos (fins) e a partir daí darem azo à concretização (tanto em ato como em imaginação) destes pensamentos. Diferentemente do sonho noturno que cessa tão logo o ego recobre suas forças e se reestabeleça, no sonho diurno, há a possibilidade de levar o pensamento onírico à sua realização e esta pode se materializar em obras de arte, em ações etc. Aquilo que é imaginado, se estiver em conexão com os processos históricos que se desenvolvem, pode deixar de ser mero devaneio e vir a ter vez no mundo, realizar-se concretamente. Este é o sentido de toda utopia bem constituída.

Para finalizar esta questão, apresento a seguinte síntese de Bloch sobre as diferenças entre sonhos diurnos e noturnos:

Neles, modo e conteúdo da realização do *desejo* divergem indistintamente. Disso decorre, de maneira reiterada, que o sonho noturno se passa em *regressão*, sendo atraído a esmo para dentro de suas imagens, enquanto o sonho diurno *projeta* as suas imagens em coisas futuras, de forma alguma a esmo, mas passível de ser direcionado, por mais intempestiva que seja a imaginação, podendo ser intermediado pelo objetivamente possível. O

⁷ Aqui me parece um excessivo otimismo de Bloch. O livre curso da imaginação, do devaneio pode evocar sentimentos, planos, ideias, pensamentos que nada tem de melhora do mundo. Também podem afluir livremente para a consciência ideias nada altruístas. Planos de vingança, destruição, seviciamento etc. podem também emergir nestes momentos de livre curso do pensamento na imaginação onírica diurna. E também eles podem vir a ter concretização e realização na vida cotidiana, o que é dramático.

conteúdo noturno está oculto e dissimulado, enquanto o conteúdo da fantasia diurna é aberto, fabulante, antecipador, e seu aspecto latente se situa adiante. Ele mesmo provém da expansão do si-mesmo e do mundo para a frente, é um querer-viver-melhor, muitas vezes de fato um querer-saber-melhor. O anseio é comum aos dois tipos de sonho, pois ele é, como foi observado, a única qualidade sincera de todos os homens. Mas o desiderium do dia, diferentemente do desiderium da noite, pode também ser sujeito e não apenas objeto de sua ciência. O sonho desejante do dia não necessita de qualquer escavação ou interpretação, mas de correção e, na medida em que esteja capacitado para isso, de concretização. Em suma, se em sua origem o sonho desejante desconhece qualquer medida, tal qual o sonho noturno, por outro lado, ao revés dos espectros noturnos, ele tem um alvo e vai em sua direção (Bloch, 2005, p. 100) (grifos meus).

A base do sonho, tanto noturno quanto diurno, é o desejo. O sonho noturno é regressão, necessita de interpretação, seu conteúdo está oculto, dissimulado nos símbolos do sonho, para entendê-lo, é necessário *escavação*, busca do que está mofando no inconsciente. Pelo contrário, o sonho diurno é *projeção*, visa o futuro, seu conteúdo é aberto, antecipador, ele não demanda *interpretação*, mas *correção* e se estiver na vez de acontecer no mundo, pode tornar-se *concretização*, ou seja, o sonho diurno tem alvo, direção e se não parar no meio do caminho, ao demandar realização, pode vir a ser algo realizado (tanto em obras artísticas, quanto em mudanças concretas no mundo).

Bloch desvela com sua pesquisa o que ele denominou de ainda-não-consciente, ou seja, o lugar psíquico daquilo que ainda-não é. O sonho diurno, como manifestação deste ainda-não-consciente é o fundamento daquilo que ficou conhecido como utopia. Estas utopias são, historicamente, de duas naturezas (utopia abstrata e utopia concreta). As utopias abstratas são aquelas que não apresentam as formas de sua realização, são descrições de sociedades ideais, que, apesar do humanismo que as caracteriza, apresentam-se como castelos de carta, bolhas de sabão que se desmancham facilmente. Pelo contrário, as utopias concretas são aquelas construções mentais que, embora expressem um conteúdo que ainda-não-existe, está na vez de acontecer e pode vir a ser algo realizado. Bloch caracteriza a dimensão revolucionária da obra de Marx como uma utopia desta qualidade, ou seja, utopia concreta⁸. Os vários socialismos utópicos (Petitfils, 1977) anteriores são exemplos de utopias abstratas.

⁸ A obra de Viana (2018) demonstra o caráter extemporâneo, ou seja, antecipador da obra de Marx e do marxismo em geral. Em Maia (2021), demonstramos este caráter antecipador tal como Marx articula em *O Capital*. Também, em Maia (2011), discutimos o caráter utópico concreto da obra *Os Conselhos Operários* de Anton Pannekoek.

Tendo em vista tais conceitos, como podemos conceber a consecução do conto que estamos aqui discutindo?

5. O SONHO NOTURNO PODE CONTINUAR NO DIURNO

Para rematar esta discussão, quero aqui fazer dois reparos: um na abordagem freudiana e outro na teoria blochiana, utilizando como base da argumentação o conto *O Toque do capital em Midas*, complementando a reflexão com outro conto, continuação do anterior, intitulado *Lembranças do futuro*⁹.

A sociedade capitalista, como toda sociedade de classes, é caracterizada por uma repressão extensiva e intensiva de necessidades e potencialidades humanas. Uma vida malograda concretamente tem que produzir uma espécie de inconsciente coletivo (tal como discutimos mais atrás). Este inconsciente coletivo é constituído por uma massa de desejos (socialmente reprimidos). Estes desejos represados no inconsciente demandam satisfação, realização. E se manifestam de uma ou outra maneira.

Uma vida mercantil, burocrática, competitiva, marcada por uma não-realização e insatisfação permanentes, tal como é na sociedade burguesa, tem de produzir um inconsciente coletivo (sobretudo no conjunto das classes inferiores), que é expressão de tais relações. Isto marca a formação dos desejos inautênticos típicos de nossa sociedade. O desejo por fama, riqueza, luxos, vencer a competição social etc. está permanentemente forçando passagem. Tais desejos, contudo, são impossíveis de serem realizados para a imensa maioria da população. A sociedade burguesa cria uma infinidade de alvos a serem objetos de tais desejos, ou seja, fabrica necessidades. Mas para grande parcela da população, tais desejos nunca são satisfeitos. Isto vai constituir um inconsciente coletivo típico das pessoas que malogram em satisfazer tais anseios. Isto não vai compor, obviamente, o inconsciente coletivo da classe dominante e demais classes superiores no capitalismo, que os realizam em ato (não todos, é claro, o que é quase impossível a um indivíduo concretizar). Estas classes terão outras necessidades/potencialidades reprimidas.

Há, contudo, uma outra massa de desejos, estes autênticos, que também demandam satisfação: liberdade, igualdade, vida plenificada, realizada, felicidade etc.

⁹ Ambos os contos estão reunidos no livro *Lembranças do Futuro e Outros Contos* (Maia, 2022).

Tais desejos podem e de fato aparecem de modo obscuro na consciência hodierna, tal como já ilustramos antes com o sonho de voar. Mas em alguns momentos, estes anseios se materializam em relações concretas, como ocorre nos períodos de ascensão da luta das classes inferiores (sobretudo o movimento político da classe operária) e uma mudança de época acena no horizonte, ou seja, aquele interregno de tempo em que a utopia sai dos livros e caminha nas ruas, nas greves, manifestações, revoluções.

Enquanto tais desejos não tem condições sociais de caminharem às claras, de peito aberto, pelas ruas, suas formas de encontrar alguma satisfação são mais modestas e aparecem em obras artísticas, na teoria revolucionária etc. O conto que estamos discutindo aqui é expressão disto. É necessário distinguir aqui a censura como um mecanismo de defesa, que protege o ego contra desejos hostis que clamam satisfação. A censura, nesta acepção, faz parte do mecanismo psíquico e para que o indivíduo possa se relacionar e para que a própria sociedade exista, é necessário que isto ocorra. Esta é uma das conclusões da psicanálise, que, apesar de indigesta, é correta. Contudo, existe um outro processo de censura que deriva de outra fonte. Trata-se de reprimir, censurar aquilo que a sociedade recrimina, mas que não é um desejo hostil e antissocial. A sociedade capitalista reprime o anseio pela liberdade, pela igualdade. Recrimina todo aquele que se dedica a que estes anseios se tornem uma realidade. Esta repressão ocorre ao nível da cultura e da moral burguesas. É também um processo institucional (aparato judiciário, aparato repressivo, bem como o conjunto das instituições burguesas: escolas, universidades, fábricas, lojas, bancos, igrejas, partidos etc.). É fundamentalmente uma relação econômica que se expande para o conjunto da vida social. Fica sempre um anseio clamando por realização e este nunca acontece. Por isto, torna-se uma censura que se opera também ao nível do psíquico. Este (os mecanismos psíquicos) barra ao indivíduo o acesso ao seu desejo, justamente porque socialmente tal acesso já está impedido.

O indivíduo aspira a uma outra vida, anseia uma situação melhor, deseja outra coisa, pois a que aí está é demasiado restrita. As restrições, inibições, censuras, malogros etc. que a vida cotidiana do capitalismo impõe aos indivíduos empurra aqueles desejos para o que estamos denominando de inconsciente coletivo. É coletivo não no sentido de uma estrutura acima de cada indivíduo, mas sim de desejos reprimidos que são comuns a uma determinada coletividade (classe social, grupos sociais etc.).

Estes desejos retornam. Contudo, contrariamente ao que pensa Bloch, não retorna somente no sonho diurno. Ele retorna também nos sonhos noturnos. O exemplo do conto *O Toque o capital em Midas* é ilustrativo disto. Foi um sonho noturno. O que estava ali em jogo nada mais era do que elementos de manifestação deste inconsciente coletivo. Esta aspiração, anseio, desejo de uma nova vida veio a lume em minha consciência exatamente quando meu ego estava fragilizado, ou seja, adormecido.

Diferentemente do que Bloch pensa, o sonho noturno também pode aspirar uma melhora do mundo, ou seja, pode ter uma dimensão utópica, exatamente porque no inconsciente estão represados desejos (tanto autênticos quanto inautênticos) que a sociedade (no caso, a capitalista) reprime (ou melhor, não permite satisfação). O sonho que tive foi uma criação onírica, cujo pensamento latente era exatamente este desejo de mudança, de melhora. E a melhora do mundo efetivamente ocorreu, pois no sonho, Midas já era uma realidade, ou seja, uma construção utópica.

Aqui, a deformação do sonho não se deu no sentido que Freud pensa o problema, ou seja, como a forma encontrada pelo desejo de ultrapassar a barreira da censura que se inicia no sistema pré-consciente (para utilizar aqui linguagem freudiana). A simbolização presente neste sonho não se deu no sentido de ocultar o pensamento latente, mas de dar-lhe a forma pictórica pela qual o sonho se revela à consciência. A simbolização não pode ser, portanto, somente uma burla realizada pelo desejo. Pode, também, ser o próprio desejo transcrito em linguagem onírica, ou seja, simbólica.

O desejo rompeu a barreira da censura. Utilizou o estado de sono para realizar seu trabalho de construção do sonho. Ao despertar, identifiquei imediatamente, através daquela simbolização, o desejo, ou seja, o pensamento latente do sonho (uma sociedade igualitária, sem classes etc.). A simbolização presente no sonho não ocultava o desejo, pelo contrário, dava-lhe a forma concreta de realização. Este é um flanco de pesquisa, de reflexão que merece mais atenção e que agora não tenho condições, ainda, de fazer avançar mais neste sentido. Trata-se somente de um *insight* que demanda ainda mais desdobramentos. Um estudo da biografia de vários utopistas a fim de averiguar a ocorrência de algo parecido, pesquisar nas várias utopias já publicadas algo que corrobore o que acabei de apresentar. Também, pesquisar sonhos já publicados e discutidos em trabalhos psicanalíticos pode trazer alguma contribuição a este debate.

Isto me levou a questionar outro ponto, mas agora na abordagem blochiana. Bloch opõe os sonhos diurnos e noturnos, conforme já demonstrei. O que percebi é que tal oposição não é assim tão absoluta como postula o filósofo da utopia. O que *O Toque do capital em Midas* me mostrou é que também a esperança, o anseio de melhora do mundo, ou seja, a utopia, pode se concretizar num sonho noturno. Não se trata aqui de refutar toda a construção de Bloch, mas demonstrar que, neste particular, sua abordagem foi limitadora

O sonho noturno não é só poeira de porão que vem à consciência. Ele pode expressar também este céu aberto, que almeja no mundo o que já se realizou na experiência onírica. Ou melhor, a experiência onírica pode ser a concretização de uma nova vida, um novo mundo, uma nova sociedade. Não é só o ego preservado que fabula a utopia (o ainda-não-consciente como lugar psíquico de nascimento do novo). O desejo inconsciente, como autor de sua história, também pode construir imagens destas terras novas.

E mais ainda, além de o próprio desejo inconsciente que se manifesta no sonho noturno fabular uma nova vida, uma utopia, quando se acorda, o desejo agora já tornado consciente ganha concretização. Para aquele que lida com as palavras (escritores), com as artes plásticas, com a música, com a teoria etc., torna-se possível transcrever a experiência onírica em uma obra de arte ou uma teoria que seja vista e estudada por outras pessoas. No meu caso, tornou-se um conto.

Mas a escrita, lapidação, escolha das palavras, preocupação com o estilo, a forma etc. não é, obviamente, algo que o inconsciente possa realizar (até porque, o sonho é via de regra justaposição de imagens e sons e raramente de palavras). Somente a consciência, que lida com a realidade externa, pode levar este trabalho a cabo. Ou seja, o sonho noturno e os *insights* ali elaborados podem continuar no estado de vigília. Midas é uma sociedade utópica e ela foi inventada no sonho noturno. Contudo, ela só foi lapidada, acabada no estado de vigília, utilizando todas as exigências feitas ao ego para uma tal construção intelectual.

Isto ainda não é tudo. A característica de “ir até o fim” apontada por Bloch como sendo algo definidor do sonho diurno é correta. Assim, em vigília, não me contentei em somente transcrever o que no sonho noturno me apareceu. Com o ego preservado, mantendo este espírito de melhora do mundo, deixando livre fluxo aos meus pensamentos

inconscientes (ou melhor, ainda-não-conscientes), o que foi iniciado com *O toque do capital em Midas* tomou forma mais concreta em outro conto: *Lembranças do futuro*. Este foi uma derivação do primeiro.

Em *Lembranças do futuro* levei às últimas consequências uma sociedade que se organizaria sob outras bases: como seria a organização do espaço (cidade e campo), as formas arquitetônicas, a arte, a relação com a natureza, o processo de trabalho, de acesso aos bens e riquezas da sociedade, a pesquisa científica, como se organizaria uma sociedade sem classes, sem estado, sem dinheiro, sem mercadoria etc. Ao “ir até o fim”, dei maior concretude às formas como esta sociedade, que no sonho noturno foi somente delineada. Ou seja, aquele desejo utópico (de outra vida, outra sociedade) que se apresentou pictoricamente na Ilha de Midas, tomou forma mais concreta de existência no conto escrito como derivação do primeiro.

A autogestão (o comunismo) já existe como desejo. Este desejo já ganhou forma em Midas (e em inúmeras outras utopias), além de várias experiências revolucionárias da classe operária ao longo da história dos séculos 19 e 20 (Comuna de Paris de 1871, Revolução russa de 1917, Revolução alemã de 1918, Guerra Civil espanhola de 1936 a 1939, o maio de 1968 na França, a revolução dos Cravos em Portugal etc.), o materialismo histórico-dialético como expressão política e intelectual da luta desta classe, elementos mais restritos na doutrina anarquista e no autonomismo etc.

Resta agora a utopia sair dos livros, vencer as revoluções para a partir daí organizar o conjunto da vida social, constituindo uma nova sociedade radicalmente distinta da existente. Assim, nesta perspectiva, a utopia não é mero projeto a sempre ser perseguido, como é comum alguns entusiastas e bem intencionados repetirem. A utopia é desejo (projeto não realizado). Por ser desejo, mobiliza (produz sonhos, teorias, arte, luta política, revoluções). Estas podem deixar de ser meros momentos de turbulência na normalidade capitalista e se tornar a própria utopia realizada. A utopia não é, portanto, meramente algo a ser alcançado. Ela já existe hoje como projeto/desejo. E isto pode se tornar a vida cotidiana, ou seja, desejo realizado, concretizado materialmente e não só idealmente.

6. ÚLTIMAS PALAVRAS

Este texto nasceu da inquietação derivada da produção de alguns contos que escrevi, sendo um deles resultado de um trabalho onírico. Lendo sobre a teoria dos sonhos de Freud e a discussão que Bloch realiza sobre utopia, percebi que havia alguns elementos que mereciam aprofundamento. Ao comparar as duas abordagens, discuti-las à luz da teoria marxista, pude demonstrar: a) o inconsciente (Freud) é constituído também por inúmeros desejos derivados do recalque de necessidades e potencialidades humanas. Aqui a repressão social (internalizada no mecanismo psíquico da censura do ego) ganha grande relevo; b) os sonhos diurnos (Bloch) podem ser continuação dos sonhos noturnos, não havendo a oposição absoluta que Bloch postula; c) a psicanálise tem muito a contribuir com o processo de entendimento da criação artística, pois lida com uma dimensão altamente criativa do humano, o inconsciente (Freud) e o ainda-não-consciente (Bloch), apesar de Bloch não ser propriamente um psicanalista; d) a criação artística, como trabalho derivado do inconsciente e do ainda-não-consciente, pode almejar outra vida, outro mundo, ou seja, a utopia; e) a utopia, a nova sociedade já existe hoje como desejo, como criação onírica (diurna e noturna), como obra artística, como teoria (marxismo) etc.; f) contudo, como realização material, concreta, alterando as relações sociais materiais existentes, a utopia só se esboçou em algumas revoluções e existe hoje como tendência, projeto, possibilidade.

Por isto, ser utópico, hoje em dia, é uma qualidade fundamental de todo e qualquer revolucionário, de todo e qualquer ser humano que anseie por uma sociedade radicalmente diferente da existente, melhor do que a sociedade capitalista, uma sociedade que possibilite uma nova vida, uma vida melhor. A utopia é, portanto, uma urgência. É para agora!!!

7. REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. *Ética e utopia: ensaio sobre Ernst Bloch*. Porto Alegre: Movimento, 2006.
- BICCA, Luiz. *Marxismo e liberdade*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Contraponto, 2005.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Contraponto, 2006a.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Contraponto, 2006b.
- BRAGA, Lisandro. *A classe em farrapos*. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- FREUD, Sigmund. *O inconsciente*. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v 14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974a.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v 4. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987a.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v 5. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987b.
- FURTER, Pierre. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GUILLERM, Alain & BOURDET, Yvon. *Autogestão: uma mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MAIA, Lucas. *Os conselhos operários de Anton Pannekoek: uma utopia concreta da revolução proletária*. In: BRAGA, Lisandro; VIANA, Nildo (orgs.). Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2018.
- MAIA, Lucas. *As classes sociais em O Capital*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- MAIA, Lucas. (2020a). A Teoria da autogestão social em Nildo Viana. *Élisée - Revista De Geografia Da UEG*, 9(2), e922029. Recuperado de <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10362>.
- MAIA, Lucas. *Leitura epistêmica de O Capital*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.
- MAIA, Lucas. *O toque o capital em Midas e outros contos*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2022.
- MARQUES, Edmilson; BRAGA, Lisandro. *Intelectualidade e luta de classes*. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Porto: Editorial Presença, s/d.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Lisboa: Martins Fontes, 1976.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

VIANA, Nildo. *Inconsciente coletivo e materialismo histórico*. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

VIANA, Nildo. *A teoria das classes sociais em Karl Marx*. Florianópolis: Bookees, 2012.

VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018.

VIANA, Nildo (org.). *O marxismo autogestionários*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

Recebido em 15/10/2023

Aceito em 15/10/2023

Publicado em 26/01/2024